



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS

ROMÁRIO LUCAS EUSTÁQUIO BARBOSA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO:
CINOMOSE E PARVOVIROSE EM CÃES ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO
PÚBLICO DE BRASÍLIA

Araguaína, TO

2023

ROMÁRIO LUCAS EUSTÁQUIO BARBOSA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO:
CINOMOSE E PARVOVIROSE EM CÃES ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO
PÚBLICO DE BRASÍLIA**

Relatório apresentado ao curso de Medicina Veterinária do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Norte do Tocantins, como requisito parcial para a obtenção do título de Médico Veterinário.

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Helciléia Dias Santos
Supervisor(a): M.V^ª. Lindiene Samayana Teixeira

Araguaína, TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

B238c Barbosa, Romário Lucas Eustáquio.
 Cinomose e Parvovirose em Cães Atendidos no Hospital Veterinário
 Público de Brasília. / Romário Lucas Eustáquio Barbosa. – Araguaína, TO,
 2023.
 54 f.

 Relatório de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
 Universitário de Araguaína - Curso de Medicina Veterinária, 2023.
 Orientadora : Helcileia Dias Santos Santos

 1. Doenças virais. 2. Parvovirus canino. 3. Cinomose. 4. Brasília. I. Título
CDD 636.089

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

ROMÁRIO LUCAS EUSTÁQUIO BARBOSA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO:
CINOMOSE E PARVOVIROSE EM CÃES ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO
PÚBLICO DE BRASÍLIA**

Relatório apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Medicina Veterinária foi avaliado para a obtenção do título de Médico Veterinário e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 29 / 06 / 2023

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Helcileia Dias Santos - UFNT

Prof.^a Dr.^a Katyane de Sousa Almeida - UFNT

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Coelho Ribeiro –UFNT

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que até aqui me sustentou, que desde criança me deu amor pelos animais e se eu estou aqui escrevendo esse texto foi permissão Dele, graças a Ele estou realizando meu sonho, agradeço a natureza, que é a manifestação do próprio Deus, aos animais no qual meu amor é imenso.

Sou extremamente grato a minha mãe que, sempre lutou para que eu pudesse realizar meu sonho e me motivou quando eu estava desencorajado, agradeço a minha tia Zany que sempre esteve disposta a me ajudar sempre que precisei, elas mais que ninguém fazem parte das minhas conquistas.

Agradeço ao meu primo Pedro que acreditou em mim e no meu potencial e me tornou uma pessoa mais confiante, a minha irmã Giovanna, que me tem como inspiração, minha vitória é a de vocês.

Minhas férias sempre foram momentos de alegria e a causa dessa felicidade sempre foram os meus amigos, Eduardo, Maurilho, Brena, Aline e todos os outros que sempre renovaram minhas energias, obrigado por estarem presentes em minha vida e me apoiando sempre que precisei.

Não poderia deixar de agradecer ao meu melhor amigo de Araguaina, Flávio, que sempre me ajudou e esteve presente comigo durante esses 5 anos, sou muito grato por ter conhecido uma pessoa tão maravilhosa igual a você.

Aos meus Professores, que foram de suma importância no meu aprendizado, em especial as Professoras Andréa Bosso e Ana Kelen que me acompanharam desde o primeiro semestre, e as Professora Ana Paula Coelho e a Professora Katyane, eu estava bem desmotivado devido a pandemia e vocês me motivaram, suas aulas são magníficas, nota-se o amor que vocês tem pelo que fazem, vocês são luz para os alunos. Também tenho muito a agradecer a Professora Helcileia, minha orientadora, muito obrigado por todas as dicas, pela paciência e pelas aulas maravilhosas que a sra ministra, a sra é uma ótima professora e desde o terceiro período eu já pensava em a ter como minha orientadora rs, eu quero ser um profissional tão incrível quanto vocês.

Também gostaria de agradecer aos meus amigos da faculdade e principalmente aqueles que estiveram comigo desde o início do curso e sempre me ajudaram e tornaram meus dias mais leves e felizes, por isso sou extremamente grato por ter conhecido vocês, obrigado pela amizade Marília Alves, José Gabriel, Kamilla Veloso, Everton Almeida, Gabriel de Oliveira, Ana

Beatriz, Mateus Pinheiro, Nicole Cristina, João Heitor, Diego Araujo, Karyne Pellizzari, Ana Maria, Gêssica Martins, Mikaele Machado, Ana Carolina, Welker Fernandes e todas as pessoas que eu tive o prazer de conhecer.

Agradeço a toda equipe do Centro de Castração na qual eu tive a oportunidade de estagiar, Ana Paula e o Henrique Xisto sempre foram muito atenciosos e paciente comigo, sou eternamente grato aos ensinamentos.

Eu tive a grande oportunidade de estagiar no HVEP, conheci pessoas incríveis e grandes profissionais, por isso sou imensamente grato por todo aprendizado e por todos os amigos que ali fiz, em especial ao Hudson, Éria, Vânia, Laura, Pedro, Luara, Giovanna, Rafa, Débora, Mateus, Gabriel, Camilla, Natália, Kassia, Neandro, Betinha, Tay, Luana e todos os demais funcionários do Hospital Veterinário Público de Brasília.

“Seja forte e corajoso.” (Josué 1.9).

“I'm one of one, I'm number one, I'm the only one.” (Beyoncé, 2023).

RESUMO

O Estágio Curricular Supervisionado foi realizado no Hospital Veterinário Público de Brasília (HVEP), em Brasília – DF, na área de Clínica Médica de Pequenos Animais, no período de 13 de março a 26 de maio de 2023, sob supervisão da M.V^a. Lindiene Samayana Teixeira e orientação da Prof.^a Dr.^a Helcileia Dias Santos, totalizando 440 horas. Este relatório apresenta uma descrição do local de estágio, das atividades desenvolvidas pelo estagiário, casuística dos atendimentos e procedimentos realizados. Durante o estágio foram acompanhados 507 animais e realizadas atividades de recepção e triagem dos animais, acompanhamento em consultas clínicas, onde o estagiário fazia a anamnese e o exame físico, coleta de material biológico para exames, aplicação de medicação, monitoração dos pacientes, aferimento de parâmetros como: pressão arterial, temperatura, turgor cutâneo, frequência cardíaca, frequência respiratória, assepsia dos pacientes, tricotomia, limpeza de feridas, retirada de miíases, curativos mais simples, acesso venoso e prescrição de medicamentos sob supervisão do Médico Veterinário. Cinomose e Parvovirose foram as doenças virais mais frequentes, representando 12,46% para Cinomose e 4,67% para Parvovirose entre os cães atendidos, portanto são apresentados dados referentes aos casos suspeitos ou diagnosticados com estas doenças durante o período de estágio, seguido de revisão de literatura.

Palavras-chave: Doenças virais, parvovírus canino, cinomose.

ABSTRACT

The Supervised Curricular Internship was carried out at the Hospital Veterinário Público de Brasília (HVEP), in Brasília - DF, in the Small Animal Medical Clinic area, from March 13 to May 26, 2023, under the supervision of M.Va. Lindiene Samayana Teixeira and guidance from Prof. Dr. Helcileia Dias Santos, totaling 440 hours. This report presents a description of the internship location, the activities carried out by the intern, the number of visits and procedures performed. During the internship, 507 animals were monitored and activities were carried out for reception and sorting of the animals, follow-up in clinical consultations, where the intern carried out anamnesis and physical examination, collection of biological material for examinations, application of medication, monitoring of patients, measurement of such as: blood pressure, temperature, skin turgor, heart rate, respiratory rate, patient asepsis, trichotomy, wound cleaning, myiasis removal, simpler dressings, venous access and medication prescription under the supervision of the Veterinarian. Canine distemper and Parvovirus were the most frequent viral diseases, representing 12.46% for Distemper and 4.67% for Parvovirus among the dogs treated, therefore data are presented regarding suspected or admitted cases with these diseases during the internship period, followed by literature review.

Keywords: Viral diseases, canine parvovirus, distemper.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Entrada do Hospital Veterinário Público de Brasília.....	2
Figura 2 – Recepção da Clínica Médica	2
Figura 3 – Sala da Triage.....	3
Figura 4 – Sala da Coleta de Sangue	3
Figura 5 – Sala de Emergência da Clínica Médica	3
Figura 6 – Consultório da Clínica Médica.....	4
Figura 7 – Enfermaria.....	4
Figura 8 – Canil	4
Figura 9 – Canil de Doenças Infecto-contagiosas	5
Figura 10 – Canil da Internação	5
Figura 11 – Gatil.....	5
Figura 12 – Gatil da Internação	6
Figura 13 – Sala de Curativos.....	6
Figura 14 – Laboratório de Patologia Clínica	7
Figura 15 – Laboratório de Patologia Clínica	7
Figura 16 – Sala de Ultrassonografia	8
Figura 17 – Sala de Radiografia	8
Figura 18 – Entrada da Clínica Cirúrgica.....	9
Figura 19 – Recepção da Clínica Cirúrgica	9
Figura 20 – Consultório da Clínica Cirúrgica.....	10
Figura 21 – Sala de Medicação Pré-Anestésica (MPA)	10
Figura 22 – Sala de Emergência da Clínica Cirúrgica.....	10
Figura 23 – Sala de Esterilização	11
Figura 24 – Sala Pré e Pós-operatória	11
Figura 25 – Centro Cirúrgico 1.....	12
Figura 26 – Centro Cirúrgico 2.....	12
Figura 27 – Centro Cirúrgico 3.....	12

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual de atendimentos, por espécie, na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP, no período de 13 de março de 2023 a 26 de maio de 2023.....	16
Gráfico 2 - Percentual de atendimentos, por espécie e sexo, na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP.....	16
Gráfico 3 - Percentual de atendimentos de afecção por sistemas em cães, na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP.....	20
Gráfico 4 - Percentual de atendimentos de afecção por sistemas em gatos, na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP.....	20
Gráfico 5 - Percentual de atendimentos em cães quanto as raças atendidas na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP.....	21
Gráfico 6 - Percentual de atendimentos de doenças virais em cães atendidos na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP.....	27
Gráfico 7 - Percentual de atendimentos das doenças virais mais comuns em cães atendidos na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP.....	27
Gráfico 8 - Percentual de vacinação em cães atendidos na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP.....	28
Gráfico 9 - Percentual de vacinação em cães suspeitos ou diagnosticados com cinomose atendidos na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP.....	29
Gráfico 10 - Percentual de cães com acesso à rua atendidos na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP.....	29
Gráfico 11 - Percentual de cães suspeitos ou diagnosticados com parvovirose atendidos na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP.....	31
Gráfico 12 - Percentual de cães suspeitos ou diagnosticados com parvovirose por sexo atendidos na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP.....	31

Gráfico 13 - Percentual de cães com parvovirose, de acordo com as raças atendidas na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP.....	32
Gráfico 14 - Percentual de cães com parvovirose de acordo com a idade, atendidos na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP.....	32
Gráfico 15 - Percentual de vacinação em cães suspeitos ou diagnosticados com parvovirose, atendidos na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP.....	33
Gráfico 16 - Percentual de cães com parvovirose com acesso à rua, atendidos na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP.....	33
Gráfico 17 - Percentual de cães suspeitos ou diagnosticados com cinomose e/ou parvovirose, atendidos na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP.....	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - atendimentos dos cães no Setor de Clínica Médica de Pequenos Animais, no HVEP-DF durante o período de 13 de março de 2023 a 26 maio de 2023.....	17
Tabela 2 - atendimentos dos cães no Setor de Clínica Médica de Pequenos Animais, no HVEP-DF durante o período de 13 de março de 2023 a 26 maio de 2023.....	19
Tabela 3 - Frequência dos Sinais clínicos mais frequentes em cães suspeitos ou diagnosticados com cinomose no Hospital Veterinário Público de Brasília, durante o período de 13 de março de 2023 a 26 maio de 2023.....	30
Tabela 4 - Frequência dos Sinais clínicos mais frequentes em cães suspeitos ou diagnosticados com parvovirose no Hospital Veterinário Público de Brasília, durante o período de 13 de março de 2023 a 26 maio de 2023.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID	<i>Bis in die</i> (duas vezes ao dia)
°C	Graus celsius
Bpm	Batimentos por minuto
CCA	Centro de Ciências Agrárias
CCPA	Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais
Cm	Centímetro
CMPA	Clínica Médica de Pequenos Animais
DDIV	Doença do Disco Intervertebral
DF	Distrito Federal
Dr ^a	Doutora
Et al	Et alia (e outros)
H	Hora
HVEP	Hospital Veterinário Público de Brasília
IFA	Ensaio de Imunofluorescência
IM	Intramuscular
IV	Via intravenosa
Kg	Quilograma
Km	Quilômetro
M.V ^a	Médica Veterinária
M.V	Médico Veterinário
mg/dL	Miligramas por quilograma
mg/kg	Miligramas por quilograma
mg/mL	Miligramas por mililitro
mL	Mililitro

Mm	Milímetro
MPA	Medicação pré-anestésica
Mpm	Movimentos por minuto
PCR	Reação em Cadeia Polimerase
SID	<i>Semel in die</i> (uma vez ao dia)
TPC	Tempo de preenchimento capilar

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO.....	2
3	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	14
3.1	Rotina de Atendimento	14
3.2	Casuística	16
4	REVISÃO DE LITERATURA	22
4.1	Cinomose.....	22
4.2	Parvovirose	24
5	CINOMOSE E PARVOVIROSE EM CÃES ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO PÚBLICO DE BRASÍLIA	27
6	CONCLUSÃO	35
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39

1 INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular Obrigatório está contido na estrutura curricular do curso de medicina veterinária como único componente do décimo período e tem como objetivo possibilitar a aplicação prática dos conhecimentos obtidos durante sua formação em atividades de uma área da Medicina Veterinária, por meio da inserção do aluno na rotina do médico veterinário na área selecionada.

As atividades inerentes ao estágio curricular supervisionado foram realizadas integralmente no Hospital Veterinário Público de Brasília (HVEP), em Brasília - DF, na área de Clínica Médica de Pequenos Animais, no período de 13 de março a 26 de maio de 2023, com carga horária de 440 horas, sob supervisão da Médica Veterinária Lindiene Samayana Teixeira.

O local do estágio foi escolhido devido a quantidade de casos e as variadas casuísticas e ainda por ser um Hospital de referência, que se destaca pela quantidade de serviços oferecidos gratuitamente à população nas áreas de clínica médica, clínica cirúrgica, ortopedia, dermatologia, cardiologia, odontologia e oncologia. O Hospital é composto por profissionais capacitados nas áreas supracitadas, o que tornou possível a experiência prática nestas áreas.

O presente relatório descreve a estrutura física do Hospital e apresenta as atividades desenvolvidas na área de Clínica Médica de Pequenos Animais, bem como, a casuística acompanhada durante o estágio. De forma complementar é apresentada uma revisão de literatura sobre a Frequência das doenças infecciosas em cães atendidos no Hospital Veterinário Público de Brasília.

2 DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

O Hospital Veterinário Público de Brasília (HVEP), situa-se na QNF, Parque Lago do Cortado - Taguatinga, Brasília - DF (Figura 1). Os atendimentos acontecem de segunda à sexta-feira, das 8h às 18h, previamente agendados no site do Hospital Veterinário Público de Brasília ou por ordem de chegada à partir das 7:30 através de triagem.

Figura 1 - Vista da Entrada do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

A Clínica Médica dispõe de uma recepção (Figura 2), uma sala de triagem (Figura 3), uma sala de coleta de sangue (Figura 4), uma Sala de Emergência (Figura 5), nove consultórios para Clínica Médica de Pequenos Animais (CMPA) (Figura 6), enfermaria (Figura 7), possui três canis: um para doenças não infectocontagiosas (Figura 8), um para doenças infectocontagiosas (Figura 9) e um para a internação (Figura 10), dois gatis: um para internação até as 17 horas (Figura 11) e outro para internação 24 horas (Figura 12) e uma sala de curativos (Figura 13).

Figura 2- Recepção da Clínica Médica do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 3- Sala de Triagem do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 4 - Sala da Coleta de Sangue do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 5 - Sala de Emergência da Clínica Médica do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 6: Consultório da Clínica Médica do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 7: Enfermaria do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 8: Canil do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 9: Canil de Doenças Infectocontagiosas do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 10: Canil da Internação do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 11: Gatil do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 12: Gatil da Internação do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 13: Sala de Curativos do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

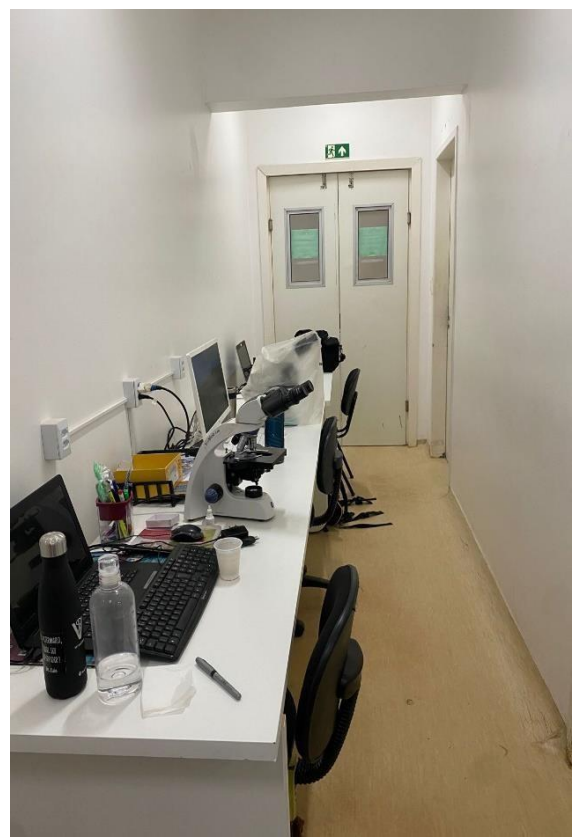
No Laboratório de Patologia Clínica do Hospital Veterinário Público de Brasília são realizados exames de rotina como hemograma, exames para a avaliação de função hepáticas (AST, ALT, Fosfatase Alcalina, Bilirrubina Direta e Indireta, GGT, Proteínas Totais e frações e Albumina), função renal (Úreia, Creatinina, Fósforo e Potássio), função cardiovascular (Cálcio e Triglicerídeos), assim como Análise Citológica, Raspado de Pele, Pesquisa de Hematozoários, Punção de Medula Óssea, Teste de Compatibilidade Sanguínea, Teste de Reação Cruzada, Análise de Líquido Cavitário, entre outros. Os exames dependem do estado do animal e indicação do Médico Veterinário. O Laboratório de patologia clínica (Figura 14 e Figura 15) é composto por duas salas e contém 1 geladeira, 3 microscópios, 1 analisador de hemograma e 1 analisador de bioquímico, entre outros.

Figura 14: Laboratório de Patologia Clínica



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 15: Laboratório de Patologia Clínica



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

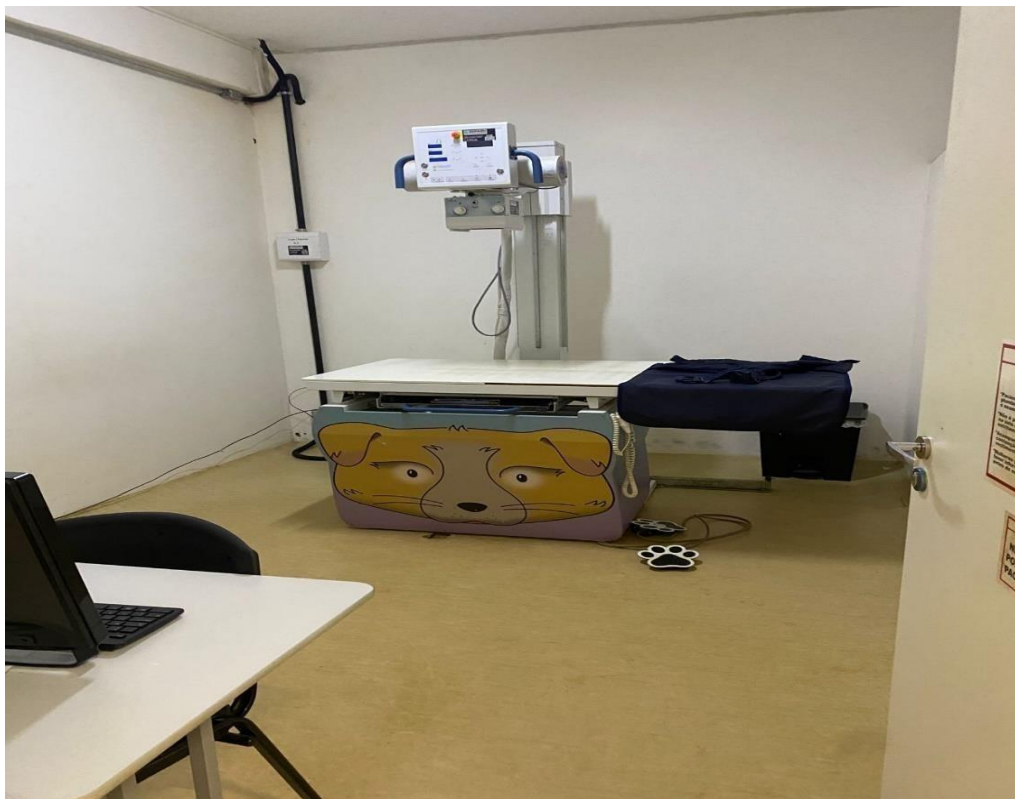
Para exames de imagem dispõe de sala de Ultrassonografia (Figura 16) e sala de Radiografia (Figura 17).

Figura 16: Sala de Ultrassonografia do Hospital Veterinário Público do Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 17: Sala de Radiografia do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

A Clínica Cirúrgica dispõe de uma recepção (Figura 19), quatro consultórios para Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais (CCPA) (Figura 20), Sala de Medicação Pré-Anestésica (Figura 21), Sala de Emergência da Clínica Cirúrgica (Figura 22), Sala de Esterilização (Figura 23), Sala Pré e Pós-Operatória (Figura 24), Centro Cirúrgico 1 (Figura 25), Centro Cirúrgico 2 (Figura 26), Centro Cirúrgico 3 (Figura 27). O Hospital Veterinário Público de Brasília ainda possui, dois Almojarifados, duas Farmácias, uma Sala de Coordenação, Copa, 8 Banheiros e uma Lavanderia.

Figura 18: Vista da Entrada da Clínica Cirúrgica do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 19: Recepção da Clínica Cirúrgica do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 20: Consultório da Clínica Cirúrgica do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 21: Sala de Medicação Pré-Anestésica do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 22: Sala de Emergências da Clínica Cirúrgica do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 23: Sala de Esterilização do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 24: Sala Pré e Pós-Operatória do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 25: Centro Cirúrgico 1 do Hospital Veterinário Público de Brasília



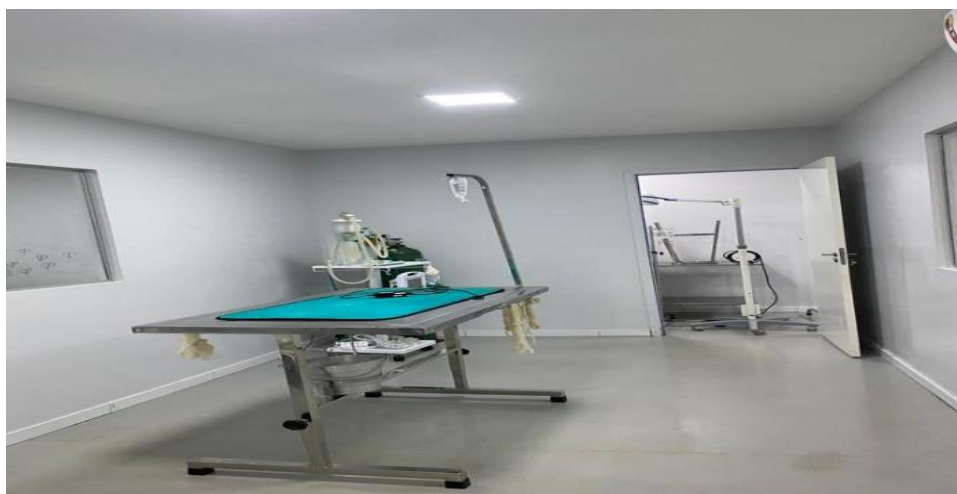
Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 26: Centro Cirúrgico 2 do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Figura 27: Centro Cirúrgico 3 do Hospital Veterinário Público de Brasília



Fonte: Arquivo Pessoal (2023))

A equipe do Hospital Veterinário Público de Brasília é composta por 57 médicos veterinários, 8 médicos veterinários aprimorados sendo distribuídos nas áreas de patologia clínica, diagnóstico por imagem, anestesiologia, clínica médica de pequenos animais e clínica cirúrgica de pequenos animais, 18 enfermeiros veterinários, além de funcionários da recepção, limpeza, segurança e marketing.

O Hospital dispõe 190 vagas por dia, sendo até 90 senhas presencialmente e 50 senhas através do site e 10 vagas para a unidade móvel, que é um caminhão que está localizado na Ceilândia e é feito consultas de rotina. A Clínica Médica totaliza 150 vagas, para a ortopedia são distribuídas 10 vagas, sendo 6 senhas distribuídas presencialmente e 4 através do site, para a Clínica Cirúrgica são distribuídas 30 senhas presenciais, as senhas presenciais são distribuídas por ordem de chegada através da fila de triagem.

Para as consultas de especialidades sendo elas: Cardiologia, Oncologia, Oftalmologia, Dermatologia e Odontologia, as senhas são distribuídas por ordem de chegada através da fila de triagem sempre no primeiro dia útil do mês e são distribuídas 100 senhas mensais para cada especialidade.

3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

3.1 Rotina de Atendimento

As atividades eram desenvolvidas de segunda a sexta-feira nos horários das 8:00 às 18:00, com intervalo de 1 hora para almoço, totalizando 40 horas semanais. As atividades dos estagiários foram organizadas em uma escala onde, à cada semana eram acompanhadas atividades de setor, sendo eles, coleta de sangue, internação, triagem, enfermaria, curativos, ortopedia e consultas.

Na triagem acompanha os Médicos Veterinários a fazer a avaliação dos pacientes e distribuir as fichas.

Na coleta de sangue o estagiário é responsável por acompanhar os pacientes até o local da coleta, auxiliar na contenção dos animais e encaminhar as amostras ao laboratório.

Na internação encontravam-se animais com quadros mais graves e, portanto, realizava-se um monitoramento dos animais à cada 30 minutos, aferindo e anotando os parâmetros como: pressão arterial, frequência cardíaca, frequência respiratória, turgor cutâneo e temperatura. Além disso, os animais são avaliados quanto ao consumo de água e alimentos e, quando indicado, a alimentação era fornecida via sonda nasogástrica.

Na enfermaria foram acompanhados animais encaminhados após consultas e os animais que chegam através de emergência. Neste setor, o estagiário afere os parâmetros, avalia o paciente e aplica medicação, sempre sob supervisão do Médico Veterinário responsável pelo setor.

Após passar pelas consultas na clínica médica, animais com afecções de menor gravidade como, laceração leve, miíases, feridas, etc, são encaminhados para a sala de curativo, onde o estagiário auxilia a assepsia, tricotomia, curativo e medicação quando indicado.

A ortopedia recebe 10 pacientes por dia, nela o estagiário é responsável por acompanhar os pacientes para atendimento, fazer a anamnese, exame físico, alguns testes da área e realizar a prescrição, sob supervisão do Médico Veterinário Ortopedista.

Nos consultórios, o estagiário acompanhava o Médico Veterinário em todas as atividades, encaminhando os pacientes da recepção até o consultório, em seguida iniciava a anamnese, realizava o exame físico e posteriormente eram discutidas as suspeitas clínicas, tratamento e encaminhamento, de acordo com a suspeita clínica do animal. Quando o animal permitia a coleta de material era realizada no consultório, senão, o paciente era encaminhado para a sala da coleta de sangue. Após sair o resultado dos exames de sangue era discutido o hemograma e bioquímico e dependendo da doença era solicitado outros exames, como raio x

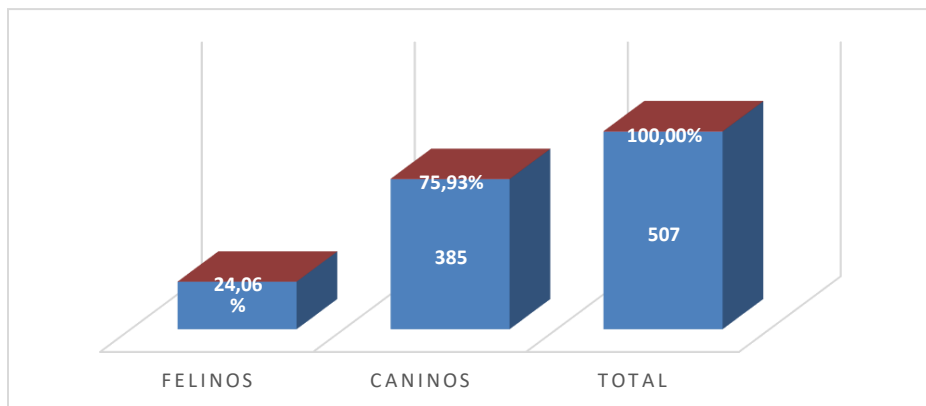
(rx), ultrassom (us), urinálise, raspado de pele, citologia, PCR, 4DX ou punção de órgãos. Por fim eram debatidos os possíveis diagnósticos e os protocolos de tratamento do paciente.

O estagiário ainda poderia acompanhar os Médicos Veterinários que atendem somente as especialidades, um dia na semana poderia acompanhar os setores de cardiologia, oncologia, dermatologia ou oftalmologia.

3.2 Casuística

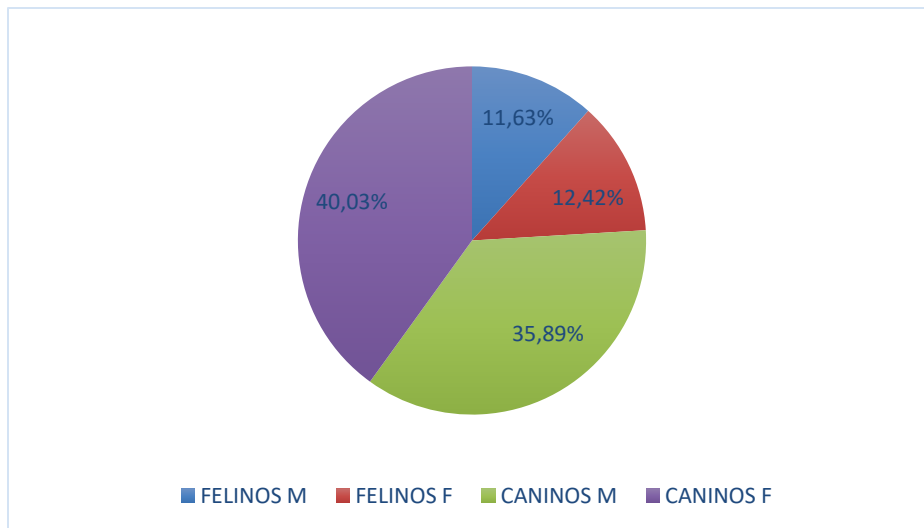
Durante o período de estágio foram acompanhados 507 animais nos setores de clínica médica de pequenos animais no HVEP-DF, dos quais 24,06% (n=122) eram felinos e 75,93% (n=385) cães

Gráfico 1– Frequência de animais atendidos por espécie no Hospital Veterinário Público de Brasília no período de 13 de março a 26 de maio de 2023.



Fonte: Registro Pessoal (2023)

Gráfico 2 - Frequência de atendimentos, por espécie e sexo, na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no HVEP-DF, no período de 13 de março de 2023 a



26 de maio de 2023.

Fonte: Registro pessoal (2023)

Entre os cães, as fêmeas representaram o maior número de atendimentos, 40,03% (n=203) e os cães machos representaram apenas 35,89% (n=182). Entre os felinos as fêmeas representaram 12,42% (n=63) e os machos 11,63% (n=59).

Tabela 1 - atendimentos em cães no Setor de Clínica Médica de Pequenos Animais, no HVEP-DF durante o período de 13 de março de 2023 a 26 maio de 2023

Sistema acometido	Diagnóstico definitivo ou sugestivo	Fêmea	Macho	Total	%
Sistema musculoesquelético	Dermatite	9	7	16	4,15
	Dermatite atópica	1		1	0,25
	Displasia coxofemoral	2	1	3	0,77
	Discopatia	2	5	7	1,81
	Fratura	2	6	8	2,85
	Fenda palatina		1	1	0,25
	Hérnia perineal	2		2	0,51
	Hérnia umbilical	1	1	2	0,51
	Laceração	25	17	42	10,90
	Lesão em cauda		1	1	0,25
	Luxação coxofemural		1	1	0,25
	Luxação de patela	1		1	0,25
	Mífase	2	1	3	0,77
	Prolapso retal		2	2	0,51
	Sarna		2	2	0,51
Sistema cardiovascular	Cardiopatia	2		2	0,51
	Insuficiência cardíaca	1	2	2	0,51
Sistema respiratório	Broncopatia	3		3	0,77
	Tosse dos canis	2		2	0,51
	Pneumotorác		1	1	0,25
Sistema ocular	Conjuntivite	1		1	0,25
	Lesão oftálmica crônica	1		1	0,25
	Glaucoma		2	2	0,51
	Úlcera de córnea	2	3	5	1,29
	Catarata	1		1	0,25
Sistema orogastrointestinal	Corpo estranho	2	3	5	1,29
	Doença periodontal	1	1	2	0,51
	Gastroenterite	1		1	0,25
	Gengivite	1		1	0,25
	Giardia	4	2	6	1,55
	Intoxicação	1	2	3	0,77
	Megacolon	1		1	0,25
	Megaesofago		1	1	0,25
	Parvovirose	7	1	18	4,67

(Continua)

Tabela 1 - atendimentos em cães no Setor de Clínica Médica de Pequenos Animais, no HVEP-DF durante o período de 13 de março de 2023 a 26 maio de 2023

(Continuação)

Sistema acometido	Diagnóstico definitivo ou sugestivo	Fêmea	Macho	Total	%
Sistema reprodutor	Carcinoma mamário	1		1	0,25
	Gestação	1		1	0,25
	Piometra	6		6	1,55
	Pseudociese	2		2	0,51
	Tumor venéreo transmissível	1		1	0,25
	Morte fetal	2		2	0,51
Multissistêmico	Cinomose	28	20	48	12,46
	Hemoparasitose	44	35	79	20,51
	Leishmaniose	12	14	26	6,75
	Acidente escorpiónico	1	1	2	0,51
	Ascite	2	4	6	1,55
	Obesidade	1		1	0,25
	Leptospirose		2	2	0,51
Sistema urinário	Doença Renal Crônica	2	9	11	2,85
	Cistite	2	1	3	0,77
Sistema nervoso	Melanocitoma		1	1	0,25
	Convulsão	1		1	0,25
Sistema endócrino	Colangite	1	1	2	0,51
	Pancreatite	3		3	0,77
	Endocrinopatia	1	1	2	0,51
	Lipidose hepática		1	1	0,25
	Sialocele		2	2	0,51
Sistema auditivo	Otohematoma	2	10	12	3,11
	Otite	14	7	21	5,45
Total de casos		203	182	385	100

Fonte: Arquivo pessoal, 2023

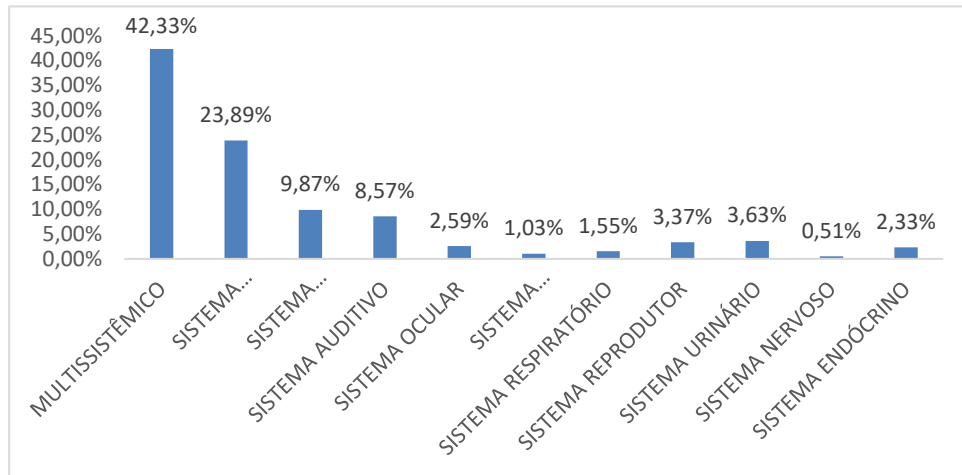
Tabela 2 - atendimentos em gatos no Setor de Clínica Médica de Pequenos Animais, no HVEP-DF durante o período de 13 de março de 2023 a 26 maio de 2023

Sistema acometido	Diagnóstico definitivo ou sugestivo	Fêmea	Macho	Total	%
Sistema musculoesquelético	Dermatite	2	1	3	2,45
	Fratura	2	1	3	2,45
	Laceração	8	9	17	13,93
	Fenda palatina	2		2	1,63
	Sarna		1	1	0,81
Sistema respiratório	Broncopatia	1	2	3	2,45
	Asma Felina	1		1	0,81
	Rinotraqueite	2	1	3	2,45
	Pneumonia aspirativa		1	1	0,81
	Pneumotoráx		1	1	0,81
Sistema ocular	Lesão oftálmica crônica	1		1	0,81
	Úlcera de córnea		1	1	0,81
Sistema orogastrointestinal	Corpo estranho	1		1	0,81
	Doença periodontal	1	1	2	1,63
	Gastroenterite	1		1	0,81
	Peritonite infecciosa felina	1		1	0,81
Sistema Reprodutor	Carcinoma mamário	2		2	1,63
	Gestação	2		2	1,63
Multissistêmico	Fiv	6	11	17	13,93
	Felv	19	18	37	30,32
	Esporotricose	1	2	3	2,45
Sistema urinário	Doença Renal Crônica	2	1	3	2,45
	Cistite	3	8	11	9,01
Sistema endócrino	Colangite	1		1	0,81
	Lipidose hepática	3	1	4	3,27
Total de casos		63	59	122	100

Fonte: Arquivo pessoal, 2023

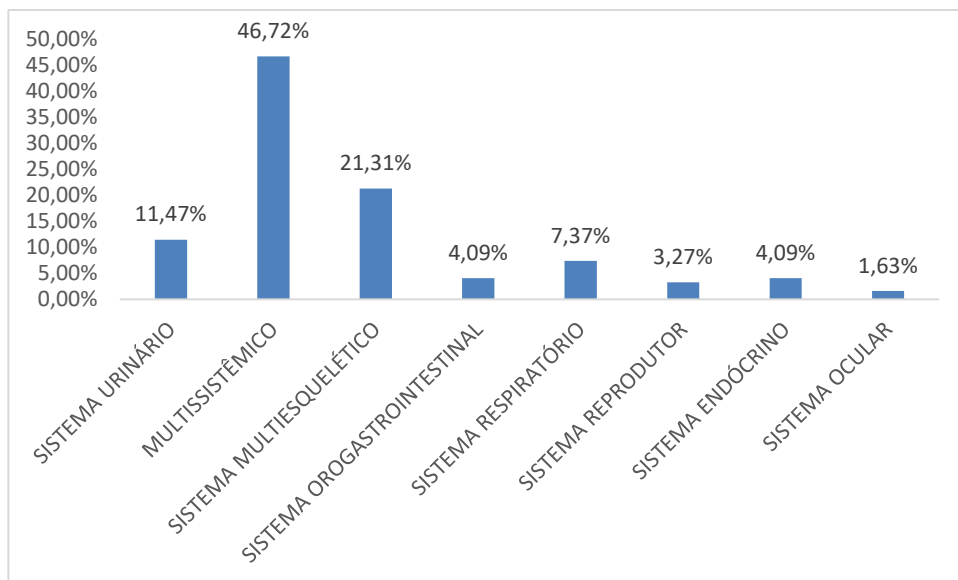
No gráfico 3 é apresentado a frequência das afecções por sistema nos cães. Nota-se que doenças multissistêmicas apresentaram maior casuística correspondendo a 44% dos casos seguido do sistema musculoesquelético com 13% e sistema orogastrointestinal com 10%. Nos felinos as doenças multissistêmicas também apresentaram maior casuística representando 47% dos casos.

Gráfico 3: Frequência de atendimentos em cães no Hospital Público de Brasília no período de 13 março à 26 de maio de 2023, segundo sistema afetado.



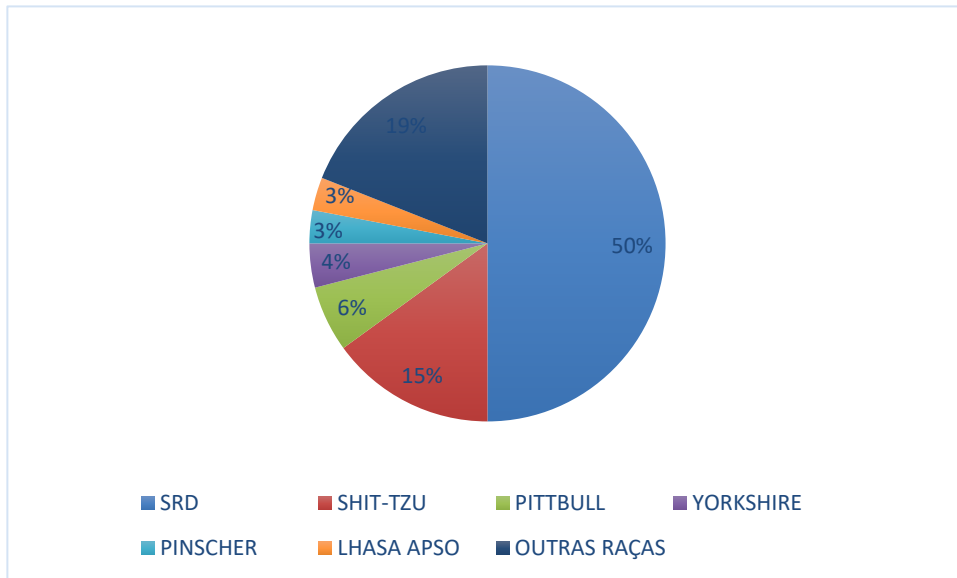
Fonte: Registro Pessoal (2023)

Gráfico 4: Frequência de atendimentos em gatos no Hospital Público de Brasília no período de 13 março à 26 de maio de 2023, segundo sistema afetado.



Fonte: Registro Pessoal (2023)

Gráfico 5: Frequência de atendimentos em cães no Hospital Público de Brasília no período de 13 março à 26 de maio de 2023, segundo raças atendidas.



Fonte: Registro pessoal (2023)

A maioria dos cães atendidos não possuíam raça definida (SRD), seguido da raça Shit-tzu, conforme demonstrado no gráfico 5. Entre os gatos 97% não possuíam raça definida.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 Cinomose

A cinomose é uma enfermidade viral, que pertence ao gênero Morbilivírus, é uma doença endêmica e extremamente letal, acomete cães e não tem predileção por raça ou sexo, porém é bastante encontrada em cães jovens e filhotes e principalmente nos animais não foram vacinados (MARTINS, 2009).

Sua forma clínica pode variar de subaguda, aguda e crônica, com manifestações de sinais e sintomas que podem ser variados, sendo que o acometimento neurológico é o evento mais importante, pois este deixa sequelas (ALBUQUERQUE, 2013; MARTINS, 2009).

É considerada uma doença que tem uma alta taxa de letalidade, dentro do hospedeiro essa doença tem uma alta taxa de mortalidade e de infectividade, porém fora do hospedeiro pode ser facilmente eliminada pela grande maioria dos desinfetantes e também pela exposição ao calor (DIAS et al, 2012).

Os sinais clínicos podem se alterar de acordo com a virulência da cepa infectante, idade do animal, sistema imunológico, condições ambientais, como está a progressão da doença, e até mesmo o local onde o vírus se instala (GREENE, 2011; NELSON E COUTO, 2015, FLORES, 2007; HEADLEY et al., 2012;).

Quando o vírus da cinomose se espalha pelo organismo do animal através de linfócitos e monócitos causa um pico febril. Em seguida o cão pode apresentar alterações em alguns sistemas como: sistema respiratório, onde pode apresentar pneumonia secundária e secreção nasal, no trato gastrointestinal onde irá apresentar episódios de vômito e anorexia, lesões cutâneas apresentando hiperqueratose em coxins e nariz, no sistema ocular apresentando conjuntivite, assim como alterações neurológicas em que o animal apresenta mioclonia, ataxia e paresia, essas alterações podem acontecer concomitantemente, ou em episódios avulsos (SILVA et al., 2009, FLORES, 2007).

A cinomose pode ser classificada em três etapas que são progressivas, cada fase pode ser caracterizada com alterações histopatológicas, sendo essas: aguda, subaguda e crônica. Aproximadamente 50% dos cães infectados apresentam a forma subaguda da cinomose canina. Porém a forma aguda também é bastante comum, os animais apresentam sinais clínicos como apatia, anorexia, febre e infecção do trato respiratório inferior. Outros sintomas também podem ser encontrados em ambas as formas são: a ceratoconjuntivite seca e a anosmia que é a perda ou diminuição do olfato, o que faz com que os animais deixem ou diminuam a quantidade da ingesta (GREENE, 2011; HEADLEY e GRAÇA et al., 2000; NELSON E COUTO, 2015;

HEADLEY et al., 2012; SILVA et al., 2009).

A maior prevalência da doença está entre os filhotes que tem de três à quatro meses de idade e que não obtiveram uma imunização adequada, e ainda há aqueles por algum motivo não receberam anticorpos suficiente da mãe. Estes, apresentam uma evolução rápida e letal. A resposta inicial à infecção se dá através do aumento das tonsilas e o estado febril, porém na maioria das vezes não são notadas pelos tutores. Em grande parte dos casos, os primeiros sintomas aparentes são relacionados ao sistema oftálmico, o animal pode apresentar conjuntivite com secreção branda, podendo variar de serosa a mucopurulenta e seguida de tosse seca, que pode evoluir para úmida e produtiva. A apatia e a anorexia podem vir acompanhadas de vômito levando o animal a um quadro de desidratação (GREENE, 2011; NELSON e COUTO, 2015).

Geralmente no período de uma a três semanas ocorrem as manifestações neurológicas após a recuperação da forma sistêmica da doença. Porém não há fatores que possam impedir que os sinais apareçam concomitantemente, ou até mesmo meses depois. De acordo com o local do sistema nervoso central que foi afetado pelo vírus a sintomatologia neurológica pode variar. Assim como, a localização da área que foi afetada pelo vírus influencia no prognóstico e na recuperação dessa fase da enfermidade. As alterações comumente mais relatadas são: anorexia, alterações comportamentais, crises epiléticas, perda da visão, secreção ocular, sinais cerebelares como, ataxia da cabeça e tronco, hipermetria, sinais vestibulares (desequilíbrio, desvio de cabeça, nistagmo), paraparesia ou tetraparesia com ataxia sensorial, atrofia muscular, mioclonias que são causadas por lesão nos núcleos basais ou relacionadas a hiperexcitabilidade dos neurônios motores inferiores e hiperestesia (SILVA et al., 2009; TIPOLD et al., 1992; HEADLEY et al., 2012; BRITO et al., 2015).

A invasão do vírus no sistema nervoso central vai depender de alguns fatores, como, idade do animal, já que o vírus tem predileção por animais mais jovens, estado imunológico do hospedeiro e também a cepa do vírus, e está associada à persistência da infecção pelo vírus. Os sinais clínicos neurológicos estão relacionados à desmielinização multifocal progressiva (VANDEVELDE e ZURBRIGGEN et al., 2005; SILVA et al., 2009).

Baseando se em achados clínicos e exames sorológicos a cinomose canina pode ser diagnosticada. O histórico de um cão jovem que não teve uma imunização adequada e está apresentando sinais clínicos compatíveis com a doença faz com que seja presuntivo o diagnóstico da infecção pelo CDV (GREENE, 2011).

A linfopenia é uma alteração que é frequentemente encontrada, isso ocorre devido a diminuição da quantidade de células linfóides e principalmente se o animal for jovem e apresentar uma rápida progressão, que pode ser tanto da fase sistêmica da doença, quanto da

neurológica. Na fase inicial da cinomose, é possível encontrar corpúsculos de inclusão intracitoplasmáticos e intranucleares em células sanguíneas, neurónios astrócitos e epitélio de transição da vesícula urinária (GREENE, 2011, FLORES, 2007).

Para se confirmar de forma definitiva o diagnóstico da cinomose pode se utilizar a biópsia de tecido epitelial (coxim), é uma forma bastante confiável, devido identificar a inclusão e/ou antígeno viral. Outro teste que pode ser utilizado para a identificação do CDV n é a transcriptase reversa da reação em cadeia da polimerase (RT-PCR), sendo esse teste capaz de identificar o RNA do vírus em amostras de sangue periférico, LCR ou raspado conjuntival. Para uma melhor visualização é necessário realizar esfregaço de papa de leucócitos ou punção aspirativa da medula óssea (NELSON e COUTO, 2015; FREIRE et al.; 2019).

O imunoensaio cromatográfico é outro teste onde se é possível realizar o diagnóstico da cinomose, pois, este teste detecta de forma qualitativa o antígeno (Ag) do vírus. É considerado um teste rápido, onde a interpretação do resultado poderá ser feita em até 10 minutos após a deposição da amostra no cassete. Pode ser utilizado como material a secreção da mucosa conjuntiva, urina, secreção nasal, LCR, saliva, soro e plasma. O teste é capaz de detectar a proteína F que se encontra na cápsula lipoprotéica que envolve o vírus (RANNO e LESEUX et al., 2018; CURTI et al., 2012; ALERE CINOMOSE Ag TEST KIT, 2017).

Porém, há a possibilidade de um resultado falso negativo quando, pois, o animal pode não estar na fase virêmica onde é possível detectar o vírus no organismo (CURTI et al., 2011).

Por se tratar de doença viral, a cinomose canina não possui fármacos antivirais específico (ETTINGER e FELDMANO, 2004). O tratamento é baseado em terapia de suporte com o objetivo de evitar infecções secundárias e promover uma melhor qualidade de vida ao paciente (GREENE, 2011; NELSON e COUTO, 2015; BRITO et al., 2015).

4.2 Parvovirose

Considerada uma das principais causas de diarreia, a Parvovirose canina tem origem infecciosa em cães com idade inferior a seis meses. A gravidade da parvovirose canina é atribuída à falta de imunização natural da população canina. Os filhotes com idade entre seis semanas e seis meses, quando não estão vacinados, são altamente susceptíveis ao desenvolvimento da doença. Nas primeiras semanas de vida os anticorpos maternos são protetores contra a infecção, porém, depois de um determinado tempo, os níveis de anticorpos já não são mais suficientes para proteger da doença e, em contrapartida, bloqueiam o desenvolvimento de uma resposta imune efetiva pelas vacinas. Esse período é conhecido como

“janela de susceptibilidade” e através desse processo pode-se explicar porque alguns animais, mesmo adequadamente vacinados, adquirem a doença (FLORES, 2007).

Através dos exames de sangue dos animais infectados geralmente é demonstrado leucopenia, neutropenia e linfopenia (FLORES, 2007). A leucopenia se dá devido a destruição das células progenitoras hematopoéticas de vários tipos primários de leucócitos na medula óssea, e também em outros órgãos linfoproliferativos como timo, baço e linfonodos, o que resulta em uma produção inadequada na demanda leucocitária, principalmente neutrófilos, no trato gastrointestinal (PRITTIE, 2004). Já na fase de recuperação, pode haver leucocitose e anemia pode ocorrer devido a perda sanguínea intestinal. Hipoproteïnemia, ocorre pela perda de proteínas plasmáticas pelo intestino e pela elevação dos níveis de uréia e creatinina por azotemia pré-renal e a redução dos níveis de potássio também podem estar presentes (FLORES, 2007).

Cães de qualquer idade, sexo, ou raça podem ser acometidos, porém, os filhotes são mais propensos ao desenvolvimento da gastroenterite hemorrágica (GEH) pelo CPV. Animais de algumas raças de porte médio e grande, como pastor alemão, rottweiler doberman, golden retriever, labrador e pitbull, parecem apresentar a doença mais severa quando infectados. Apesar da predileção, a incidência é maior em animais sem raça definida o que provavelmente está ligada à vacinação inadequada, associada com o acesso livre as ruas, o que aumenta ainda mais o risco desses animais se infectarem (FLORES, 2007).

A parvovirose surgiu no final nos anos 1970 e se disseminou pelo mundo, é causada pelo parvovírus canino (canine parvovirus, CPV). A incidência e prevalência da infecção é elevada em todo o mundo. A parvovirose canina é caracterizada por enterite grave, com anorexia, êmese, diarréia podendo ser hemorrágica ou não, e choque. O CPV tem que ser diferenciado do outro parvovirus que infecta cães, o canine minute vírus (CnMV), que foi descrito em 1970, pois esse tem uma ocorrência pouco freqüente e é considerado pouco patogênico (FLORES, 2007).

É uma importante doença infecto-contagiosas pois imputa elevados índices de morbidade e mortalidade em cães de todos os continentes (FERREIRA, 2021). Acomete principalmente cães de raças puras, que, são mais susceptíveis, assim como os jovens e os que não são vacinados (ANGELO; CICOTI, 2009), sendo as raças Pittbull, Golden retriever Pinscher, Dobberman Rottweiler, Pastor Alemão e Labrador mais sensíveis (WILLARD, 2015). Animais adultos raramente são afetados, mas ainda assim devem estar devidamente vacinados, o vírus tem predileção por animais jovens, mas pode acometer adultos, mesmo sendo mais raro (ANGELO; CICOTI, 2009). A infecção ocorre através do contato com as fezes do animal

infectado com as mucosas orais (PAULA, 2017).

A família Parvoviridae são vírus pequenos, esféricos, com capsídeo icosaédrico e possuem uma molécula de DNA linear de fita simples como genoma. O nome da família se dá devido ao tamanho dos vírions (parvus = pequeno), (FLORES, 2007).

O parvovírus pode permanecer por longos períodos no ambiente e nos pelos dos animais que tiveram contato com fezes contaminadas. As pessoas, equipamentos veterinários, insetos e roedores, objetos, podem atuar como veículos para a propagação do vírus (FLORES, 2007).

Os principais sinais clínicos da parvovirose são: febre, êmese, diarreia, desidratação, gastroenterite e anorexia. Para diagnosticar a parvovirose pode ser utilizado o kit imunocromatográfico ou então, teste PCR (PAULA, 2017). Geralmente o diagnóstico se dá através dos primeiros sinais clínicos, hemograma e também exames complementares (WILLARD, 2015).

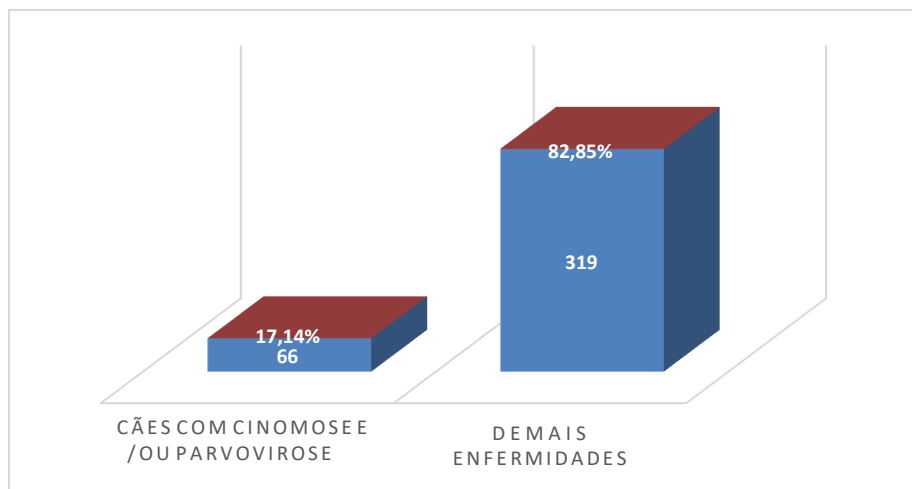
A excreção do vírus nas fezes inicia no terceiro ou quarto dia após a infecção e se intensifica com o surgimento da doença. O vírus é excretado em grandes quantidades por até 20 dias. O término da excreção viral fecal está relacionado ao desenvolvimento de imunidade (FLORES, 2007).

Por ser uma doença viral, o tratamento da parvovirose é de suporte, sendo a recuperação de líquidos e minerais o primeiro o primeiro passo, não há um tratamento específico e antibióticos podem ser prescritos assim como enema com carvão ativado e protetores gástricos que também podem ser utilizados (ANGELO; CICOTI, 2009; WILLARD, 2015). Os pacientes devem ser diagnosticados precocemente e tratados adequadamente para que consigam sobreviver. Geralmente os pacientes respondem de forma apropriada nos primeiros quatro dias de tratamento (WILLARD, 2015).

5 CINOMOSE E PARVOVIROSE EM CÃES ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO PÚBLICO DE BRASÍLIA

Durante o período de março a maio de 2023, 385 cães foram atendidos no Hospital Veterinário Público de Brasília (HVEP – Brasília). Desses animais, 66 foram diagnosticados ou suspeitos para cinomose ou parvovirose, representando 17,14%.

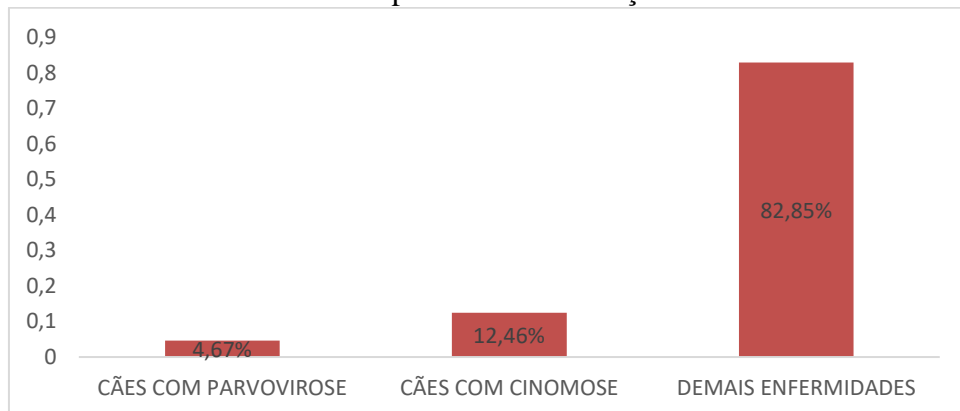
Gráfico 6: Frequência de doenças infecciosas em cães atendidos no Hospital Veterinário Público de Brasília no período de 13 março à 26 de maio de 2023.



Fonte: Registro Pessoal (2023)

Dentre as doenças virais mais encontradas no Hospital Veterinário Público de Brasília, a cinomose apresentou frequência de 14,67% (Gráfico 7). Resultados mais elevados já foram encontrados, como mostra o estudo de Dezengrini et al. (2007) que obtiveram valor de 27,3%.

Gráfico 7: Frequência das doenças virais mais comuns em cães atendidos no Hospital Público Veterinário de Brasília no período de 13 março à 26 de maio de 2023.



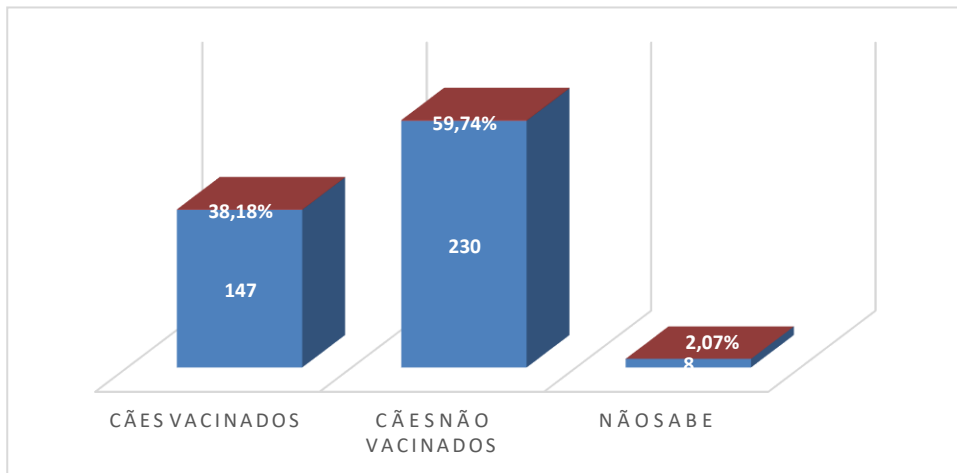
Fonte: Registro Pessoal (2023)

Os animais com suspeitas ou diagnosticados para cinomose que foram incluídos como positivos, eram cães que apresentaram secreção ocular e nasal, apatia, anorexia, diarreia, êmese, febre e grande parte dos animais apresentavam sinais neurológicos da doença, pois receberam atendimento tardiamente. Muitos tutores optam por remédios caseiros ou orientação de casas agropecuárias e infelizmente quando procuram ajuda profissional o animal encontra-se muito debilitado, o que dificulta o tratamento e restringe o prognóstico.

Quando chegam ao Hospital Veterinário Público de Brasília, os pacientes com suspeita de cinomose passam pela triagem, em seguida são encaminhados ao consultório onde é feito o exame físico, logo após o paciente é levado para a sala da cinomose e fica internado até 17 horas, pois o Hospital não dispõe de internação 24 horas para animais com doenças infecto-contagiosas. O animal é acompanhado e medicado e deve retornar para a internação nos dias posteriores até apresentar sinais de melhora clínica.

Um fator que foi observado nos animais atendidos foi a baixa adesão dos tutores a vacinação dos animais, considerando que a maioria dos cães não eram vacinados para cinomose, portanto, estão totalmente suscetíveis a doença (Gráfico 8).

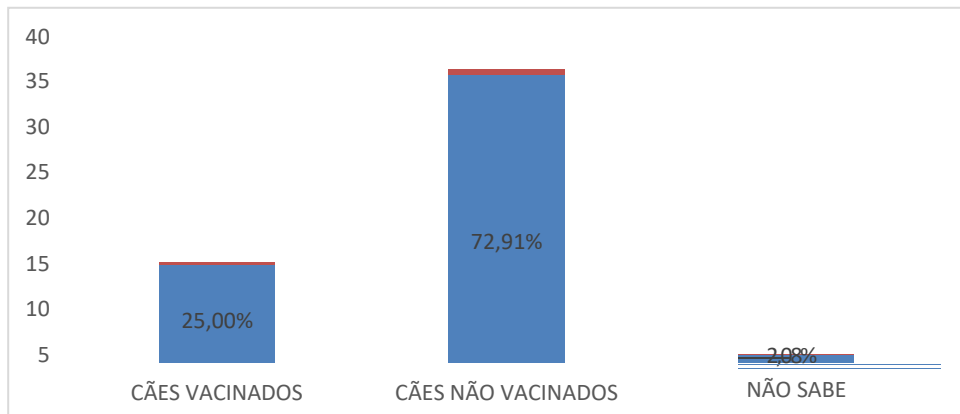
Gráfico 8: Frequência de vacinação em cães atendidos no Hospital Veterinário Público de Brasília no período de 13 março à 26 de maio de 2023.



Fonte: Registro Pessoal (2023)

Doenças virais como a cinomose podem acometer animais em qualquer idade, portanto, deve-se manter a vacinação frequente, e não permitir que os animais tenham acesso à rua desprotegidos. O gráfico 9 confirma isso, onde observa-se que a quantidade de animais não vacinados é muito maior em casos positivos para cinomose.

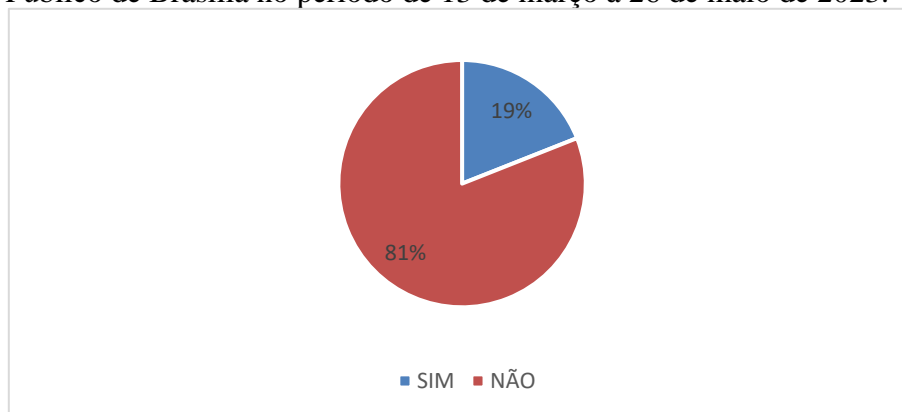
Gráfico 9: Frequência de vacinação em cães suspeitos ou diagnosticados com cinomose atendidos no Hospital Veterinário Público de Brasília no período de 13 março à 26 de maio de 2023.



Fonte: Registro Pessoal (2023)

A alta prevalência da doença se dá devido à fatores endêmicos, como na baixa frequência de animais vacinados e livre acesso à rua. Dos 48 cães suspeitos ou diagnosticados para cinomose apenas 12 foram vacinados, além disso, muitos tutores só vacinam os pacientes quando estes são filhotes, e há animais que tem acesso á rua desprotegidos (Gráfico 10).

Gráfico 10: Frequência de cães com acesso à rua atendidos no Hospital Veterinário Público de Brasília no período de 13 de março à 26 de maio de 2023.



Fonte: Registro Pessoal (2023)

Os sinais clínicos apresentados por animais suspeitos ou confirmados para cinomose estão apresentados na tabela 3. Na cinomose as alterações comumente mais relatadas são: anorexia, êmese, febre, diarreia, hiperqueratose, alterações comportamentais, convulsão, secreção ocular, mioclonias que são causadas por lesão nos núcleos basais ou relacionadas a hiperexcitabilidade dos neurônios motores inferiores (SILVA et al., 2009; TIPOLD et al., 1992; HEADLEY et al., 2012; BRITO et al., 2015).

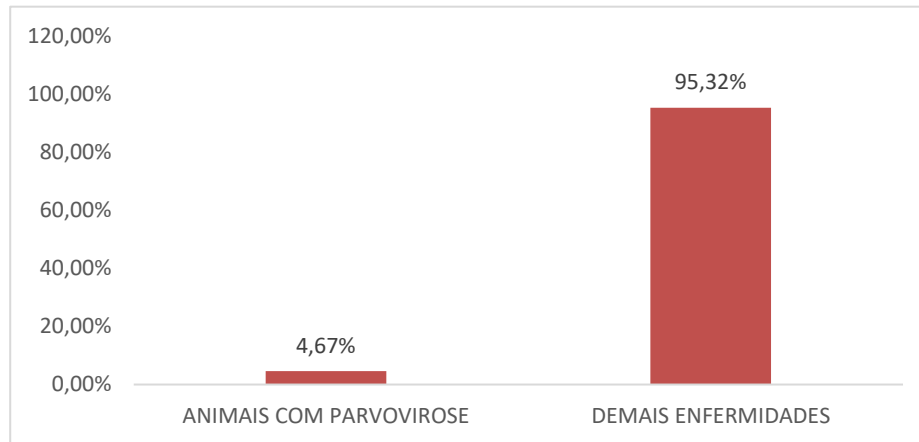
Tabela 3 – Frequência dos Sinais clínicos mais frequentes em cães com cinomose no Hospital Veterinário Público de Brasília, durante o período de 13 de março de 2023 a 26 maio de 2023.

Doença	Sinal Clínico	Sim	Não	(Sim)%
Cinomose	Apatia	45	3	93,75
	Febre	44	4	91,66
	Anorexia	42	6	87,50
	Êmese	41	7	85,41
	Diarreia	35	13	72,91
	Secreção ocular	33	15	68,75
	Mioclonia	28	20	58,33
	Hiperqueratose	12	36	25,00
	Convulsão	7	41	14,58

Fonte: Registro Pessoal (2023)

A frequência de cães acometidos com parvovirose atendidos no Hospital Veterinário Público de Brasília foi de 4,67%, 18 dos 385 cães atendidos foram suspeitos ou diagnosticados para a doença (Gráfico 11).

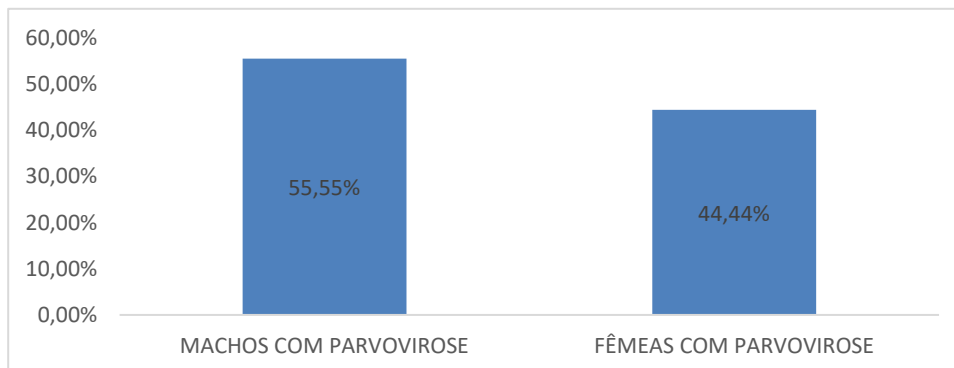
Gráfico 11: Frequência de animais suspeitos ou diagnosticados com parvovirose atendidos no Hospital Veterinário Público de Brasília no período de 13 março à 26 de maio de 2023.



Fonte: Registro Pessoal (2023)

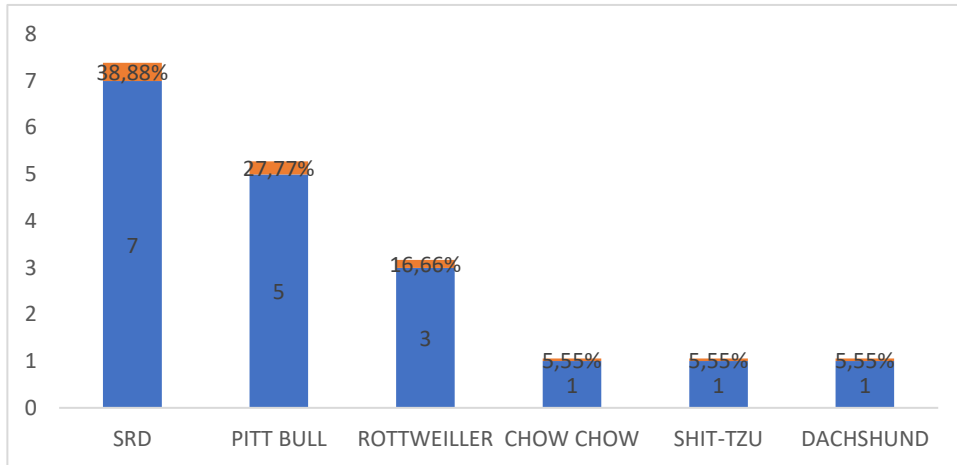
A parvovirose não tem predileção por sexo, o que foi observado entre os animais suspeitos ou diagnosticados atendidos (Gráfico 12). Raças puras como Dobermann, Pinscher, Rottweiler, Golden Retriever, Pitt Bull, Labrador e Pastor Alemão são mais sensíveis (ANGELO; CICOTI, 2009; WILLARD, 2015), e durante o período observado destacou-se entre os animais atendidos, cães da raça Pitt Bull como a mais acometida, porém com maior frequência da doença em animais SRD.

Gráfico 12: Frequência de cães suspeitos ou diagnosticados com parvovirose atendidos no Hospital Veterinário Público de Brasília no período de 13 de março à



Fonte: Registro Pessoal (2023)

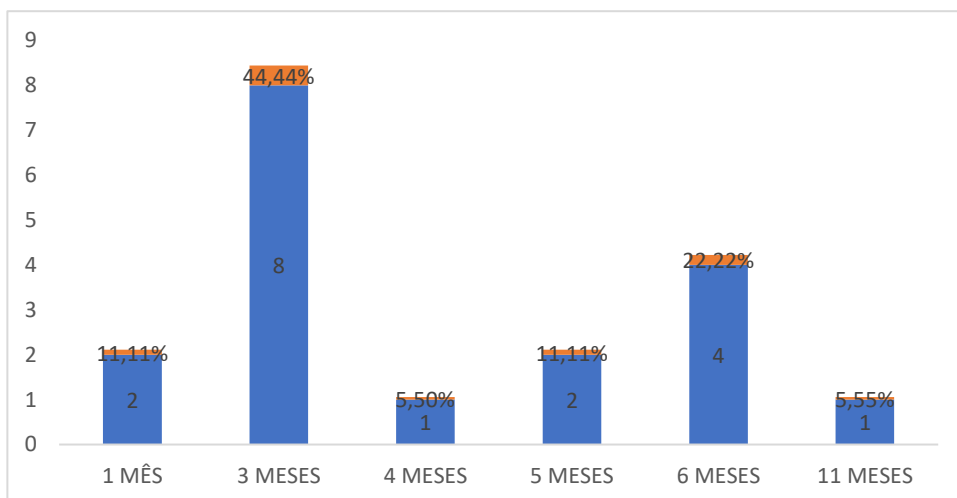
Gráfico 13: Frequência de raças de cães com parvovirose atendidos no Hospital Veterinário Público de Brasília no período de 13 março à 26 de maio de 2023.



Fonte: Registro Pessoal (2023)

Muitos animais que chegaram ao Hospital Veterinário Público de Brasília com suspeita de parvovirose eram filhotes (Gráfico 14), que tem acesso à rua e a maioria não é vacinado (Gráfico 15). A parvovirose canina apresenta maior índice de acometimento em animais com idade inferior aos oito meses e com maior risco naqueles com menos de sete semanas. Cães adultos ou idosos não vacinados também podem ser infectados, porém com menor ocorrência (ANGELO; CICOTI, 2009; MILLER, 2015).

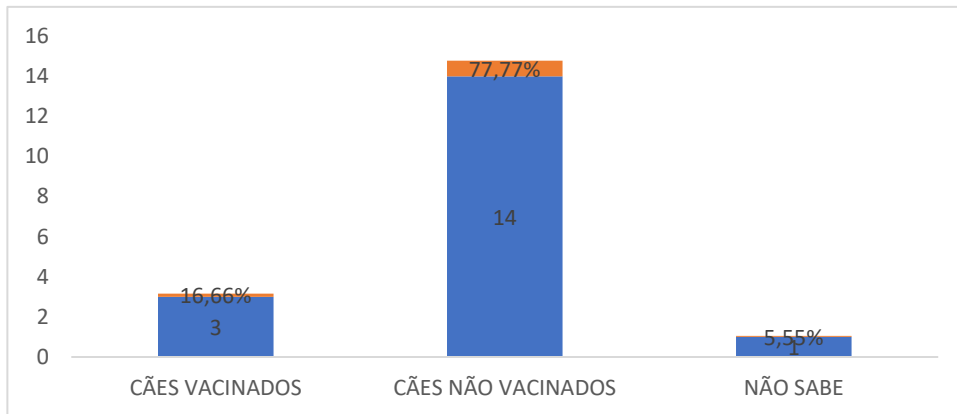
Gráfico 14: Frequência de cães com parvovirose atendidos no Hospital Veterinário Público de Brasília no período de 13 março à 26 de maio de 2023, por idade.



Fonte: Registro Pessoal (2023)

A vacinação é o método mais competente e satisfatório capaz de proporcionar imunização em massa dos cães. Somente a imunidade adquirida através do leite materno não garante proteção contra a parvovirose, no entanto ela garante a neutralização das respostas geradas pela vacinação (FELSBURG, 2002).

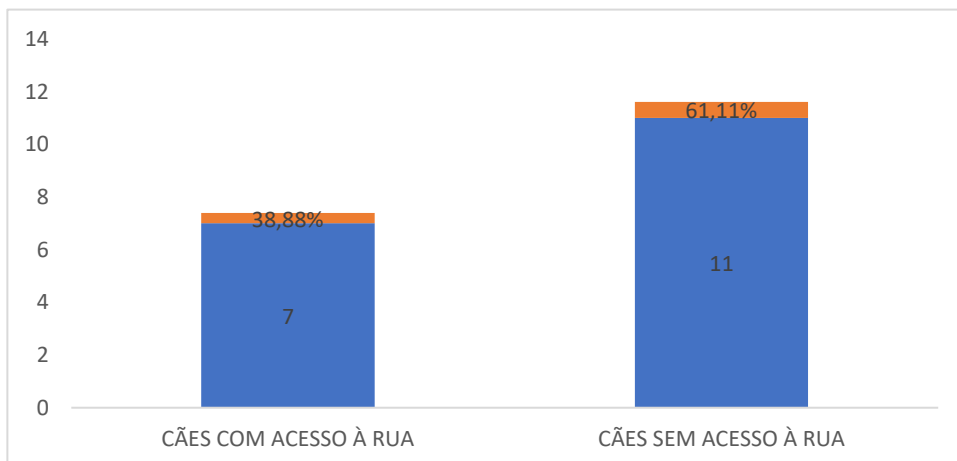
Gráfico 15: Frequência de vacinação em cães com parvovirose atendidos no Hospital Veterinário Público de Brasília no período de 13 março à 26 de maio de 2023.



Fonte: Registro Pessoal (2023)

Quase 40% dos animais com parvovirose tinham acesso à rua (Gráfico 16), o que é muito preocupante, pois a maioria eram filhotes. A forma de infecção é oro-fecal e a manifestação clínica se dá de três a doze dias após o contato. Após três dias de infecção inicia-se a viremia, o período de incubação pode ser de 2 a 14 dias (PAULA, 2017).

Gráfico 16: Frequência de cães com parvovirose com acesso à rua, atendidos no Hospital Veterinário Público de Brasília no período de 13 março à 26 de maio de 2023.



Fonte: Registro Pessoal (2023)

Tabela 4 – Sinais clínicos mais frequentes em cães suspeitos para parvovirose no Hospital Veterinário Público de Brasília, durante o período de 13 de março de 2023 a 26 maio de 2023.

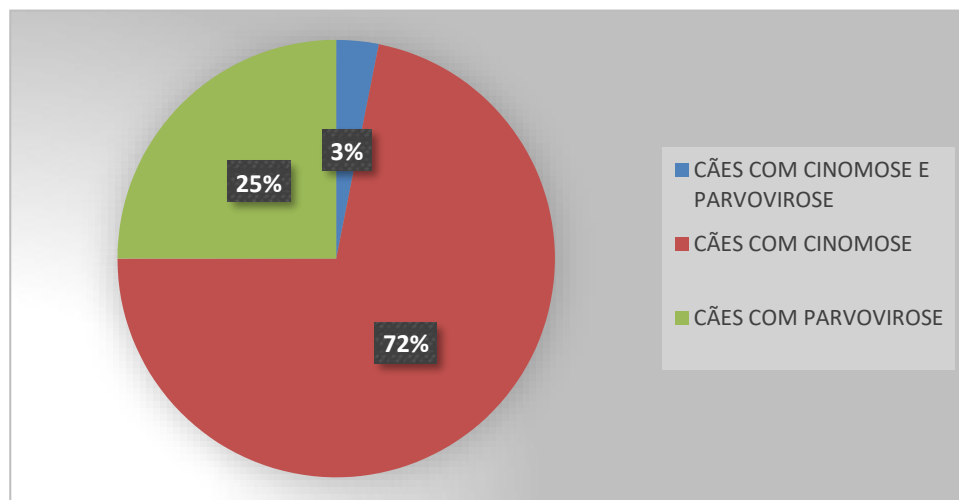
Doença	Sinal Clínico	Sim	Não	(Sim)%
Parvovirose	Diarreia	18	0	100
	Apatia	17	1	94,44
	Êmese	17	1	94,44
	Febre	16	2	88,88
	Anorexia	16	2	88,88
	Hematoquezia	11	7	61,11

Fonte: Registro Pessoal (2023)

Por ser uma doença infecciosa, os animais que chegaram ao hospital com suspeita da tal doença ficavam isolados de outros pacientes em uma sala somente para pacientes com suspeita de parvovirose. Os animais ficam internados e recebem fuidoterapia e outras medicações de suporte, pois geralmente chegam desidratados e não há um tratamento específico para a doença.

Houve ainda animais que apresentaram as duas doenças simultaneamente, o que caracterizou 3,03% dos casos (Gráfico 17).

Gráfico 17: Frequência de cães atendidos com cinomose e parvovirose no Hospital Veterinário Público de Brasília no período de 13 março à 26 de maio de 2023.



Fonte: Registro Pessoal (2023)

Deve-se sempre levar o animal ao Médico Veterinário, principalmente se o animal for resgatado, pois este pode está com alguma doença que ainda não manifestou sinais clínicos e é de total responsabilidade do tutor manter e cuidar da saúde do pet após o resgatar das ruas, além de garantir a imunização destes e evitar que seu animal saia desacompanhado.

6 CONCLUSÃO

Portanto conclui-se com esse trabalho que a vacinação, vermifugação, controle de ectoparasitas, castração, manter os animais em local adequado e sem acesso à rua é de extrema importância para prevenção de doenças virais atendidas em animais no hospital, assim como outras doenças.

O estudo possibilitou a verificação das doenças virais mais frequentes no HVEP – Brasília. A partir dele, o perfil dos animais atendidos com suspeitas clínicas ou diagnosticados com alguma dessas doenças no hospital veterinário pôde ser traçado e medidas de prevenção podem ser recomendadas a fim de diminuir a prevalência e incidência dessas doenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, A. R.; DREHMER, C. L.; SILVA, V. G. Cinomose canina: Revisão de literatura. **11º Encontro Científico Cultural Interinstitucional**. Paraná, 2013.

ALVES, F. S. D. S. **Canine parvovirus and sepsis: SIRS criteria evaluation and implementation of a PIRO classification**. 2020. 48 P. Dissertação de mestrado integrado em medicina veterinária (mestrado em medicina veterinária). Universidade de Lisboa. Lisboa, 2020.

ANGELO, G.; CICOTI, Cesar Augusto Ramos. Parvovirose canina – revisão de literatura. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, n. 12, 2009.

BARBOSA, B. C. **Parâmetros clínicos**, laboratoriais e pulmonares de cães naturalmente infectados com parvovírus (PVC-2) em sepse grave e tratados seriadamente com solução salina hipertônica a 7,5%. 2020. 108 p. Dissertação de Doutorado (Doutor em Ciência Animal), Universidade Federal De Minas Gerais, 2020.

BRASIL, Fundação Nacional de Saúde. **Guia de Vigilância Epidemiológica**. Brasília: Fundação Nacional de Saúde, 2002.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Decreto nº 5.053**, de 22 de abril de 2004. Aprova o regulamento de fiscalização de produtos de uso veterinário e dos estabelecimentos que os fabriquem ou comerciem, e dá outras providências. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Decreto-Lei nº 467**, de 13 de fevereiro de 1969. Dispõe sobre a fiscalização de produtos de uso veterinário, dos estabelecimentos que os fabricam e dá outras providências. Brasília, 1969.

BRITO, H. F. V.; **Utilização de Células Mononucleares de Medula Óssea para o Tratamento de Sequelas Neurológicas de Cinomose Canina**. 78 f. Dissertação (Doutorado em Ciências Veterinárias). Programa de pós-graduação. Universidade Federal do Paraná - UFPR-, Setor de Ciências Agrárias. Curitiba, 2015.

COHN, L. A. Update on feline retroviral infections. *In: International Congress of the Italian Association of Companion Animal Veterinarians*, 2006.

CURTI, M. C.; ARIAS, M. V. B.; ZANUTTO, M. S. Avaliação de um Kit de Imunoensaio Cromatográfico para Detecção de Antígeno do Vírus da Cinomose em Cães com Sinais Sistêmicos ou Neurológicos da Doença. *Semina: Ciências Agrárias*, Londrina, v. 33, n. 6, p. 2383-2390, nov./dez. 2012.

DEZENGRINI, R.; WEIBLEN, R.; FLORES, E. F. Soroprevalência das infecções por parvovírus, adenovírus, coronavírus canino e pelo vírus da cinomose em cães de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.37, n.1, p.183-189, 2007.

DIAS, M.B.M.C.; LIMA, E.R.; FUKAHORI, et al. Cinomose canina: revisão de

Literatura. **Medicina Veterinária**, Recife, v.6, n.4, p.32-40, 2012.

ETTINGER, J. S.; FELDMAN, C. E. **Tratado de Medicina Interna Veterinária**. Doenças do Cão e do Gato. 5ª Ed. Vol 1. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, cap.88, p. 2256, 2004.

ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. **Tratado de Medicina Interna Veterinária**, V.1; 5.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, p. 436 - 437, 2004.

FELSBURG, P. J. Overview of immune system development in the dog: comparison with humans. **Human & Experimental Toxicology**, v.21, n.9-10, p.487-492, 2002.

FERREIRA, M. O. **Diferentes abordagens terapêuticas em cães com parvovirose**, caracterização do uso de antibióticos. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Dissertação de mestrado. Portugal, 2011.

FLORES, E. F. **Virologia Veterinária**. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Subsecretaria de vigilância à saúde. Diretoria de vigilância ambiental. **Relatório anual de atividades**. Brasília, 2013.

GREENE, C.E.; APPEL, M. Canine distemper. In: GREENE, C.E. (ed.) **Infectious Diseases of the Dog and Cat**. 3rd ed. Elsevier, Amsterdam, p.25-41, 2006.

GREENE, C. E. **Infection Diseases of the Dog and Cat**. 4.ed. Elsevier. p. 25 – 42, 2007.

HARVEY, J. W. **Veterinary Hematology**. A diagnostic guide and color atlas. St Louis: Elsevier, 2012.

HEADLEY, S. A.; GRAÇA, D. L. Canine Distemper: Epidemiological Findings os 250 Cases. **Brazilian Journal Veterinary Reserch Animal Science**, v.37, n. 2, p. 136-140. 33, 2000.

HEADLEY, S. A.; AMUDE, A. M.; ALFIERI, A. F.; BRACARENSE, A. P. F. R. L.; ALFIERI, A. A. Epidemiological Features and the Neuropathological Manifestations of Canine Distemper Virus-Induced Infections in Brazil: a review. Semina: **Ciências Agrárias**, Londrina, 2012. v. 33, n. 5, p. 1945-1978.

LAINSON, R.; SHAW, J. J. **Evolution, Classification and Geographical Distribution**. In: PETERS, W.; KILLICK-KENDRICH, R. p. 1-121, 1987.

MARTINS, D. B; LOPES, S. T. A.; FRANÇA, R. T. Cinomose canina – revisão de literatura. **Acta Veterinaria Brasilica**, v.3, n.2, p.68-76, 2009.

MEGID, J.; RIBEIRO, M. G. E.; PAES, A. C. **Doenças Infeciosas em Animais de Produção e de Companhia**. Rio de Janeiro, Brasil: Roca, 2016.

MILLER, D. B. Parvoviral Enteritis. In: CÔTÉ, Etienne. **Clinical Veterinary Advisor Dogs and Cats**. 3. Ed, 2015.

NELSON, R. W.; COUTO, C. G. **Medicina Interna de Pequenos Animais**. 5.e.d. Elsevier. p. 1341 – 1344, 2015.

OLIVEIRA, P. S. B. **Aspectos epidemiológicos, clínico-patológicos e genéticos de parvovírus canino tipo 2 (cpv-2) no Rio grande do sul**, Brasil. 2019. 63 p. Dissertação de Mestrado (Mestre em Ciência Animal) - Universidade Federal de Santa Maria, 2019.

OPLUSTIL, C. P. et al. **Procedimentos Básicos em Microbiologia Clínica**. 3. ed. São Paulo, 2010.

PAULA, T. A.. **Sobre a parvovirose canina no hospital veterinário da Universidade Federal de Mato Grosso**, campus Cuiabá. 2017. 13 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Residência Uniprofissional em Medicina Veterinária) - Universidade Federal de Mato Grosso, 2017.

PRITTIE, J. Canine Parvoviral Enteritis: A review of diagnosis, management, and prevention. **Journal Veterinary Emergence Criterial Care**. v. 14, p. 167-176, 2004.

RADOSTITS, O. M. et al. **Clínica Veterinária: um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos, caprinos e eqüinos**.1. ed. Rio de Janeiro. Editora: Guanabara Koogan. 2010.

RANNO, I. L; LESEUX, C. Diagnóstico de Cinomose Canina por Teste Rápido no Hospital Veterinário FAG. 2º Congresso Nacional de Medicina Veterinária FAG. **Emavet FAG**. 2018.

SILVA, M. C. **Neuropatologia da Cinomose Canina**. Dissertação (Doutorado). Programa de pós-graduação em Medicina Veterinária, Área de Concentração em Patologia Veterinária. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2009.

SILVA. M. C.; FIGHERA. R. A.; BRUM, J. S.; GRAÇA, D. L.; KOMMERS, G. D.; IRIGOYEN, L. F.; BARROS, C. S. L. Aspectos clinicopatológicos de 620 casos neurológicos cinomose em cães. **Pesq. Veterinária Brasil**. v. 27, n. 5, p. 215-220, 2007.

VANDEVELDE, M.; ZURBRIGGEN, A. Demyelination in canine distemper vírus infection: A review. **Acta Neuropatholy**, v. 109, p. 56-68, 2005.

WILLARD, M. D. Desordens do Trato Intestinal: Diarreia Infecciosa. In: NELSON, R. W.; COUTO, C. G. **Medicina Interna de Pequenos Animais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, cap. 33, p. 457-459. ISBN 978-85-352-7906-1, 2015.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De 385 cães atendidos de março à maio de 2023 no Hospital Veterinário Público de Brasília, 66 apresentaram cinomose ou parvovirose, o que corresponde aproximadamente 17,14% dos atendimentos, o que é número elevado quando se trata da morbidade e letalidade dessas doenças.

O estágio curricular supervisionado é de suma importância na formação profissional e intelectual do estudante, pois através deste pode vivenciar a realidade prática em um Hospital Veterinário, colocando em prática todo conhecimento adquirido durante a faculdade e também adquirindo novos conhecimentos, melhorando o raciocínio clínico através de debates sobre suspeitas clínicas, diagnósticos, tratamento, sinais clínicos, prognósticos, interpretação de exames laboratoriais e até mesmo melhorando o diálogo com os tutores.